MIGUEL BARROS

"A PINTURA É A MINHA PAIXÃO"

FOTOS: CATARINA COSTA CABRAL

Existe uma loja, em Lisboa, chamada Rés-do-Chão Direito. No rés-do-chão esquerdo, mora o jovem pintor Miguel Barros, que ali fixou, simultaneamente, a sua casa e o "atelier". Neste momento, prepara a mostra "Goa em Lisboa". Em toda a casa, vêem-se vestígios da Índia, como o tecido da cortina ao fundo do corredor (em cima).

Miguel Barros é um jovem artista português que se dedica ao desenho e à pintura há já alguns anos. Realizou a sua primeira exposição em 1988, um pouco pressionado pelos amigos. Teve tal sucesso (*"venderam-se quase todos os quadros"*, diz o artista) que sentiu a necessidade de se empenhar *"mais a sério"* nesta paixão de sempre. De então para cá, participou em cerca de duas dezenas de mostras, e já pintou centenas de telas.

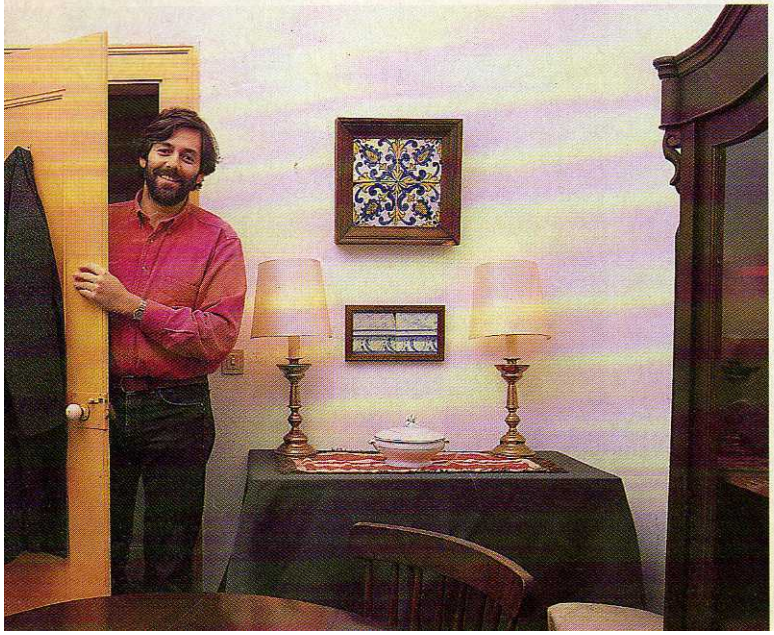
Licenciado em arte e *design* pelo IADE, há cerca de dois anos resolveu dedicar-se *"em exclusivo à pintura"*. Anteriormente, recorda, trabalhou em publicidade, como criativo, dirigiu um espaço lúdico com *atelier* de pintura no Centro das Taipas, e foi professor de artes gráficas e publicidade.

Sente o "bichinho da pintu-

"A minha pintura retrata coisas tão simples como o quotidiano das pessoas e os seus gestos."

Antes de partir para Goa, Miguel realizou um estudo exaustivo sobre a sua geografia e locais históricos (em cima). O pintor vive só, mas, nas pausas do trabalho, gosta de receber os amigos, irmãos e sobrinhos na sua acolhedora casa.

FOTOS: CATARINA COSTA CABRAL



ra" desde os tempos em que, ainda miúdo, se abeirava da varanda da lindíssima casa onde vivia com os pais, em Sintra, e se punha a pintar o Palácio da Vila, visto sob várias perspectivas.

Sempre que pode, viaja. Em 1994, esteve na Índia. Conheceu grande parte do território e contactou de perto com as suas gentes. Ficou "*especialmente fascinado, emocionado até, com a região de Goa*", confessa, e pormenoriza: "*Fascinado com o povo do território, com as suas casas, ruas e ruelas, os mercados, os gestos, os movimentos e as atitudes das pessoas, mas também com o património de Goa e os seus monumentos.*"

Hoje, reconhece, como se diz por lá, que, em certas zonas, "*quem vê Goa não precisa de ir a Lisboa*"! E considera fundamental que as novas gerações o saibam. Por isso, regressou a Portugal com uma ideia fixa: voltar a Goa, para "*gravar e eternizar, em imagens pictóricas que possam ser mostradas a todos, no presente e no futuro, algumas das múltiplas referências, hábitos e identidades decorrentes do encontro entre duas civiliza*[illegible]".

Inicialmente, tentou, dirigindo-se a várias instituições, ir trabalhar para Goa, durante algum tempo, no restauro do património local. Sempre em vão, por uma ou outra razão. Até que decidiu avançar com um projecto de pintura, em nome individual. Chama-se *Goa em Lisboa* e está a avançar.

Há dias, Miguel Barros recebeu-nos na sua casa-*atelier*, em Campo de Ourique, e levantou o véu sobre o assunto. "*Com este projecto*", explicou-nos, "*pretendo dar uma pequena contribuição para a valorização das relações humanas, históricas, culturais e artísticas entre Portugal e Goa, assim como partilhar as minhas experiências e emoções vividas na Índia, retratando-as na tela.*" Perturba-o pensar que, se não se veicular a devida informação, "*corre-se o*

"O bichinho da pintura acompanha-me desde sempre, mas só há cerca de dois anos resolvi largar tudo o resto para me dedicar aos quadros de alma e coração."

O pintor na cozinha da sua casa (em cima). Segundo diz, não é um bom garfo. Mas, garantem-nos, é um excelente cozinheiro, sobretudo quando confecciona assados no forno. Também faz um óptimo arroz, mas o que lhe dá mais gozo são as festas de chá e "scones" que, às vezes, organiza em casa.

risco de, com o tempo, se perder a memória das coisas fantásticas que lá deixámos".

Um apoio financeiro da Fundação Banco Comercial Português e uma viagem de ida e volta oferecida pela Air India permitiram-lhe, finalmente, rumar de novo até Goa, no final de Outubro de 1995, para aí permanecer por um período superior a um mês.

Depois de estudar a História de Goa e da presença dos portugueses na Índia, realizou *in loco* um trabalho exaustivo de recolha do material a trabalhar. As maquetas das futuras obras constam já de um catálogo: da igreja de Santa Catarina, primeira igreja católica construída em Goa, às ruínas da Igreja de Santo Agostinho; da salga e seca do peixe às traineiras do rio Sal; dos mercados a céu aberto às ruelas do Bairro das Fontaínhas, onde ainda hoje é comum ouvir cantar o fado, tudo está lá retratado, entre outros pormenores do património e do quotidiano de Goa.

Com tudo isto, a próxima exposição de Miguel Barros chamar-se-á, precisamente, *Goa em Lisboa*, e será inaugurada na capital, entre Maio e Junho próximos. Está já em preparação a sua posterior deslocação até ao próprio território de Goa, através do Consulado Português.

Lugar de destaque terá uma tela de homenagem a **S. Francisco Xavier**, *"que tanta importância teve na envangelização da Índia"*. Na crença de Miguel Barros, este santo, que elegeu como seu padroeiro, também terá tido alguma influência no sucesso do seu projecto. *"Prometi que, se esta viagem se concretizasse, o primeiro quadro seria de S. Francisco, e todos os outros nasceram sob o seu olhar"*, confessa, admitindo uma faceta mística e espiritual na sua personalidade.

Como na generalidade da sua obra, depois dos estudos iniciais em aguarela, o pintor trabalhará todos estes quadros a óleo. E conjugará dois estilos: uma grande precisão figurativa sobre uma mancha de fundo abstracta. O jovem pintor reconhece na sua obra *"a confluência das influências de três grandes pintores portugueses"*, a saber: **Botelho, Tom (Thomaz de Mello)** e **Vieira da Silva**

A inspiração, explica o artista, vai sempre bebê-la à inesgotável fonte que é a vida quotidiana das pessoas: *"Limito-me a andar pelas ruas, a observar e registar instantâneos do dia-a-dia."* O que retrata na perfeição na sua obra.